

RELATOS DE UMA PANDEMIA

ENVIE-NOS AS SUAS MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS PARA ECOMUSEU.CDI@CM-SEIXAL.PT



Textos produzidos por alunos do 8.º A e D da Escola Básica da Cruz de Pau, numa sessão de escrita criativa intitulado «O Mundo que escrevo pós Covid». Os mesmos foram inspirados no acróstico Quarentena e no poema de José Luís Peixoto “Quarentena”.

“Estávamos num grande questionamento
Os nossos pulmões sem reação
Mas precisávamos manter uma união,
E com o tempo percebemos
Que o amor iria superar aquilo tudo.
Parecia uma dor eterna,
Aquele encontro para beber chá ainda não se tinha realizado.
O cão da vizinha esperava ansiosamente,
olhando pelo muro a sua dona.
Aquele poema que estava ainda à espera de ser lido.
A natureza estava a reconstruir-se
e não demos por nada.
Olhávamos para o espelho
perguntando se um dia
tudo iria acabar.
Mas precisávamos entender
que o que estava a acontecer
era para nos fortalecer.”
Matilde Cardoso, 8º D

“Presta atenção, a este poema
que eu estou prestes a contar,
Mas, primeiro tenho de beber o meu chá.
Dantes não tinhas tempo
Quando o cão queria ir à rua,
não o podias levar .
Nossas casas rodeadas de muros,
Quando eu olho para o espelho,
eu já não sei quem sou.
E quando respiro,
o ar parece-me tóxico.”
Santiago Ferreira. 8º D

Outra versão do acróstico Quarentena:

“ Quando formos mais velhos,
vamos ver o que já passámos.
Um dia contaremos esta história aos nossos netos.
As pessoas nunca mais foram as mesmas.
Recorremos a tantas pesquisas para acabar com o vírus.
Então descobrimos uma vacina que nos fazia imunes à COVID 19.
Nessa descoberta, milhares e milhares ficaram alegres.
Tudo mudou quando a primeira pessoa morreu com a vacina do COVID 19.
Então, milhares não aceitaram isso e recusaram vacinar-se.
Nunca desistimos, esta vacina tinha de ser perfeita e sem erros.
Até que fizemos uma fórmula que conseguisse a imunidade e que ninguém mais morresse.

“ Enquanto estamos em quarentena
Eu vou comendo as minhas uvas e bebo o meu chá.
Olho para o espelho e vejo o meu cão
Ele está a andar e eu não.
Enquanto eu escrevo este poema
Percebo que não gosto de dançar
Percebo também que odeio estudar.
Quase ninguém gosta da escola,
As crianças veem-na como um muro impossível de saltar.
Só o José gosta da escola,
Porque é lá que ele ouve rádio,
Parece um velho a cantar.
O João disse adeus à mãe a plenos pulmões, apesar do mau tempo,
dando exemplo aos mais novos.
Foi quando reparámos que ele gosta de comer tudo.
Ele é muito atrevido,
mas ao pé dos professores,
vira mudo.”
Rafael Correia, 8º D

“Quando este vírus passar
Um dia um poema irei declamar
Arranjo momentos e tempo para cantar
Respirar, encher o peito e os pulmões de ar puro.
Esta casa é o muro que me aprisiona,
neste confinamento maldito.
Tenho horas difíceis e intermináveis
que custam a passar.
Estantes, espelho e sofás que já não posso observar.
Nem para mim, nem para o cão posso olhar.
Aproveito vou relaxar,
comer e um chá beber.”
André, 8º D

“Este poema vou-te falar
Então senta-te e pega no chazinho.
Há muito tempo olhávamos para o espelhinho.
Íamos à varanda, para os nossos pulmões poderem respirar.
O nosso muro era a nossa porta e a rua.
O meu cão pedia para passear.
Se ouviste bem, isto era o Covid,
sem brincadeiras e sem me divertir.”
Gabriel Ferreira, 8º D

Outra versão do acróstico Quarentena:

“Quando fomos para casa,
parecia que um muro nos dividia da brincadeira.
O Uivo dos cães era muito irritante, porque eles pediam liberdade.
Às vezes, olhava-me no espelho e dizia:
“ No que é que a sociedade se tornou ao ponto de criar o Covid!”.
Bolo **R**ei, sem rainha, e nós sem família.
Em casa, respirava a radiação eletrónica e o cheiro a limpo.
Noite a noite rezava para acabar com esta brincadeira.
Estávamos em casa, quentinhos a beber chocolate quente, mas
por dentro parecíamos um chá a ferver.
Em casa, a nossa vida era como um poema, mas triste.
Natal sem família, como a tradição indica o Natal é passado em família.
Havia demasiado tempo para estudar, para chorar e nada de brincadeira com os amigos.
Gabriel Ferreira, 8º D

“ A vida antes do Covid era melhor.
No início da quarentena tivemos de ficar em casa.
Morreu o meu cão.
Muitos de nós ficámos perdidos, sem rumo.
Foi a altura de agirmos contra o Covid 19.
Passávamos a maior parte do tempo em frente a um ecrã.
Parecia uma viagem no espaço...”
Guilherme Reais, 8º D

“Quando fomos para casa
parecia que as janelas tinham grade.
Eu tentava saltar a grade,
mas só via um muro gigante à frente dos meus olhos.
O tempo passa e eu não vejo o que está a acontecer.
Bebo chá quente e fico perto da janela.
Olho para a rua e vejo um cão sozinho.
Olho-me no espelho e não percebo o que se passa.
Sinto os meus pulmões, mas não consigo respirar.
Este é o meu poema”.
Izabella, 8º D

“Quando ficámos em casa, por causa da Covid
As **Ú**nicas coisas a fazer era ler, estudar e falar com as amigas.
O **A**mor cresceu nas nossas famílias.

Realmente foram uns tempos diferentes
Especialmente para os médicos e os enfermeiros.
Nacional foi o nosso respeito por eles.
Tudo ficou de pernas para o ar.
Entretanto temos tentado voltar ao normal.
Não parece que o vírus nos queira largar.
As vacinas temos de reforçar se o vírus quisermos vencer.
Taissa Alexandra 8º A

“Sentada no meu quarto
Olhei a lua e as estrelas
Numa noite fria e escura de inverno,
em que o tempo não permitia
a saída por aqueles portões.
Vejo o muro e uma estrada
enquanto tudo parece tranquilo.
Por dentro existe um vazio
da saudade, do amor e da família.
E das nossas celebrações
bebo o meu chá,
aconchego o meu cão
e aqueço assim o ar dos meus pulmões
com a esperança de um dia olhar no espelho
e em vez de colocar a máscara
colocar apenas o poema de todas estas recordações.”
Débora Pereira, 8ºA

“ Quando a quarentena começou
nós ficámos muito vidrados na Internet,
parecia que havia uma espécie de muro
entre a Internet e a vida real.
Parecia que não sabíamos mais saborear
um simples chá, ou rir até não sentir mais ar
nos pulmões, brincar com um cão na rua, ler um poema,
ou olharmo-nos ao espelho.
Eu sinto como se não tivéssemos tempo para coisas
simples.”
Maria Silva, 8º A

“ Existem muitas teorias sobre a pandemia,
Neste breve poema eu vou dizer
Aquilo que eu mais temia
está a acontecer.

Num espaço curto de tempo, tudo mudou
e muito rapidamente
o vírus se espalhou.

Já nem podia o meu cão passear,
porque todas as vezes que eu queria,
infelizmente a situação não permitia.

Ficava em casa com a minha família
a beber chá,
que pelos vistos à minha mãe fazia alergia.

E à noite sozinha no meu quarto, pensava:
Que nostalgia daqueles tempos,
onde do lado de fora do muro
eu brincava.
Mas, isto realmente fez-me pensar
que devemos respeitar, devemos amar
olhar-nos ao espelho
e analisar cada detalhe dos nossos corações.

Finalmente saí de casa e os meus pulmões
até que enfim,
puderam respirar.
E aí sim, pude observar
o modo como a natureza se refizera
e de igual forma
quão espantoso o universo era.”
Laura Antunes, 8º A.